

Intercom como lente do seu tempo: interconexões temáticas da primeira e da última década

Intercom as a lens of its time: thematic interconnections of the first and last decade

Intercom como lente de su tiempo: interconexiones temáticas de la primera y la última década

Davi Alexandre SCHOENARDIE¹
Marcio Giusti TREVISOL²

Resumo

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) é um importante espaço de pesquisa e de debate científico. Nesse sentido, objetivou-se identificar as interconexões das temáticas da Intercom tratadas na primeira década de sua fundação (1978-1988) com as temáticas tratadas na última década do evento (2012-2022). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, qualitativa e exploratória, com análise de conteúdo. Os resultados apontam que as temáticas refletem o sentido social do momento histórico em que estão inseridas. Portanto, a Intercom contribui para a legitimação de um campo científico da comunicação, enquanto memória viva de luta, resistência e subversão em suas discussões ao longo dos anos estudados.

Palavras-chave: Temporalidade; Memória; Ciência; Comunicação Social; Historicidade.

Abstract

The Brazilian Society for Interdisciplinary Communication Studies (Intercom) is an important space for research and scientific debate. With this in mind, the aim was to

¹ Mestrando em Educação Tecnológica na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Bolsista CAPES do Programa de Demanda Social (DS) - E-mail: davischoenardie@alunos.utfpr.edu.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2800-4081>.

² Doutor em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF) - Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) - E-mail: marcio.trevisol@unoesc.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6127-1750>.



identify the interconnections between Intercom's themes dealt with in the first decade of its foundation (1978-1988) and the themes dealt with in the event's last decade (2012-2022). This is a bibliographical and documentary, qualitative and exploratory study, using content analysis. The results show that the themes reflect the social meaning of the historical moment in which they are inserted. Therefore, Intercom contributes to the legitimization of a scientific field of communication, as a living memory of struggle, resistance and subversion in its discussions over the years studied.

Keywords: Temporality; Memory; Science; Social Communication; Historicity.

Resumen

La Sociedad Brasileña de Estudios Interdisciplinarios de Comunicación (Intercom) es un importante espacio de investigación y debate científico. Teniendo esto en cuenta, el objetivo fue identificar las interconexiones entre los temas de Intercom tratados en la primera década de su fundación (1978-1988) y los temas tratados en la última década del evento (2012-2022). Se trata de un estudio bibliográfico y documental, cualitativo y exploratorio mediante análisis de contenido. Los resultados muestran que los temas reflejan el significado social del momento histórico en el que se insertan. Intercom contribuye así a la legitimación de un campo científico de la comunicación, como memoria viva de lucha, resistencia y subversión en sus discusiones a lo largo de los años estudiados.

Palabras clave: Temporalidad; Memoria; Ciencia; Comunicación social; Historicidad.

Introdução

A comunicação constrói sentidos e intencionalidades e sua constituição como campo científico está ligada à elaboração do campo e à sua organização interna (Braga, 2011). Para Woitowicz (2018, p. 211), “a memória social da América Latina é marcada por situações de exploração econômica, crises e tensões políticas, desigualdades sociais, relações interculturais e também lutas emancipatórias”. Desse modo, neste estudo interessam os rastros deixados pela luta da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação na consolidação do campo científico da comunicação no Brasil. Trata-se da memória da mais antiga sociedade acadêmica do campo da comunicação, que transcende as lentes do seu tempo e remete à emoção.

Nessa tessitura, gerado por um genocídio sistêmico, o pensamento latinoamericano da comunicação por muito tempo foi enveredado por uma crítica caracterizada pelo pensamento eurocêntrico, que silenciava a figura do povo “como parte da memória constituinte do processo histórico” (Martín-Barbero, 1987, p. 90).



Encetamos nosso olhar, dessa forma, à discussão sobre uma perspectiva de pensamento decolonial, uma vez que buscamos, em meio à temporalidade, o sentido e a importância da comunicação como lente para fomentar o debate sobre acontecimentos presentes na sociedade. Esse diálogo intercultural, sob uma perspectiva decolonial, é de suma importância para conceituar a consolidação das ciências da comunicação na América Latina, sobretudo no Brasil. Nesse diapasão, a cultura que reside entre o transmissor e o receptor é o que media a materialidade das informações (Barroso, 2023; Martín-Barbero, 2013). Nessa encruzilhada de sentidos, inscreve o interesse em pesquisar, sob a perspectiva epistemológica decolonial, o seguinte problema: quais as interconexões entre os temas abordados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom)?

A fim de desatar os nós deste questionamento, o objetivo geral deste estudo é identificar as interconexões das temáticas da Intercom tratadas na primeira década de sua fundação (1978-1988) com as temáticas tratadas na última década do evento (2012-2022). Para cumpri-lo, realizou-se uma pesquisa de procedimentos bibliográficos e documentais, de abordagem qualitativa e objetivo exploratório. A coleta de dados se deu por meio dos documentos da Intercom, no recorte temporal da primeira década (1978-1988) e da última década de sua criação (2012-2022), consoante ao objetivo principal. A escolha do recorte temporal também se justifica por intermediar o período de surgimento em meio à Ditadura Militar no Brasil e o período pré, durante e pós-COVID 19.

Dessa forma, a análise dos dados se deu por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), de modo a utilizar as seguintes categorias: i) educação, cultura e memória em comunicação; ii) política, esporte, enfrentamentos e mobilização social; iii) crítica social, subversões e desigualdades. As categorias são balizadas pelo entendimento de que há uma preocupação da Intercom, desde os seus primeiros 15 anos de ciclos de estudo, em polemizar o ensino, as estruturas políticas e a pesquisa em comunicação, de modo a flutuar entre as áreas subjacentes das classes sociais e a área dos problemas políticos do Estado (Faro, 1992). Para a análise, foram utilizados principalmente os livros que foram publicados sobre o evento.

Várias vozes, um único propósito: a Intercom e a sua resistência



A comunicação é crucial no estudo das mudanças que ocorrem na sociedade, pois apesar de ser considerada uma ciência básica tardia, constrói conhecimento histórico e promove novas reflexões que, contudo, não se limita a ser um instrumento de transmissão de informação, mas como construtora de sentidos e interações (Barroso, 2023; Calhoun, 2012; Signates, 2018). Porém, a construção desse campo rememora dolorosas heranças, uma vez que por muito tempo foi objetificado pelo interesse da classe mais abastada, sobretudo mercadológico, de modo a censurar a sua reflexividade e a sua criticidade.

Diante de um período ditatorial marcado pela crise das universidades latino-americanas, a maior barreira para o desenvolvimento da pesquisa científica nas escolas de comunicação estava em negar a importância de assalariar os pesquisadores em tempo integral (Marques de Melo, 1991). No entanto, por sua diversidade e heterogeneidade, não se pode impô-la como apenas um bem mercadológico, mas sim como uma área de diferentes campos que produz por si mesma diferentes conjunturas (Calhoun, 2012). Essa diversidade e interdisciplinaridade gera, contudo, um dos principais embates do campo da comunicação: consolidar um campo científico.

Historicamente, as Ciências da Comunicação estão atrelados à perspectiva tanto de um espaço reconhecido, quanto da adoção de procedimentos lógicos para a sua valorização em um espaço de poder (Chechetto; Martino, 2019). Entretanto, esse espaço de reconhecimento ainda gera um paradoxo entre o modo com que é percebido, pois a própria teoria da comunicação busca dar sentido ao que não faz sentido algum (Silva; Silva, 2014). Entende-se, nessa conjuntura, que falar de comunicação como campo científico é falar, especialmente, de Teorias da Comunicação, entretanto em primeiro momento algumas teorias se apresentam tangenciais às preocupações da área (Chechetto; Martino, 2019). Gera-se uma contradição no modo com que os pesquisadores e acadêmicos visualizam, atribuem valor e compreendem as Teorias da Comunicação e, por conseguinte, as Ciências da Comunicação.

Essa contradição, por um lado, reside justamente no sentido dessas teorias, que são tidas apenas como aparato conceitual e teórico, não como corpo epistemológico que o consolida em sua vertente (Chechetto; Martino, 2019). Por



outro lado, também pode-se considerar que essa dificuldade está atrelada à ambiguidade institucional da área, pois a pesquisa e a formação em comunicação se fecundam em empresas privadas de mídia, como agências de publicidade e jornais, o que ainda exerce forte influência na sua legitimação como área acadêmica (Sodré, 2012; Rüdiger, 2018). Dessa forma, são múltiplas as heranças de outras áreas do conhecimento que, porventura, são entrecruzadas na compreensão da comunicação como um campo científico.

De acordo com Signates (2018), a comunicação foi pautada na Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) apenas em 1976 junto à “Artes” e apenas em 2001 foi reconhecida como campo próprio, separado das artes. Esse reconhecimento tardio refletiu no seu consequente atraso como consolidação enquanto área científica com relação a outras áreas do conhecimento, como a sociologia e a filosofia. Outrossim, suas subdivisões dentro da grande área das “Ciências Sociais Aplicadas”, se caracterizam por um aspecto técnico-profissional, com em uma concepção tecnicista e generalizada, sendo fundamentada como uma visão mercadológica (Signates, 2018). Por esse motivo, a área das ciências da comunicação ainda é um paradoxo de estudo, uma vez que sua confusão entre teoria e corrente epistemológica ainda gera a falta de uma identidade para a área. E, nessa conjuntura, surge a necessidade de lembrar da Intercom, como uma sociedade que surge no obscuro momento da Ditadura Militar como ferramenta de constituição das ciências da comunicação no Brasil.

Essa lembrança da qual inscrevemos a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) como sujeito histórico, está atrelada à negação de identidades e à clandestinidade de seres humanos dissidentes à repressão da Ditadura Militar. O período remonta o seu surgimento e, por isso, construir a memória desta importante comunidade acadêmica é, preliminarmente, um trabalho de desconstruir e reconstruir os caminhos de subversão à repressão que o tornaram um expoente para a comunicação científica no país. Exílios, expurgos de professores universitários, insegurança e arbitrariedade estampavam as cores de um Brasil que pulsava um projeto ditatorial de repressão, que representava risco, resistência, enfrentamento e silenciamento das mídias (Habert, 2006). Assim, a imagem representada neste semblante é a de resistência diante dessa dolorosa marca que permanece viva na história do Brasil.



A América Latina foi fecundada pelas sucessivas intervenções militares, que asseguraram um crescente autoritarismo e construíram ruínas históricas, ao passo que negligenciaram a participação dos grupos social e economicamente vulneráveis (Della Vechia, 2023). Com isso, parcela significativa da sociedade ainda não compreende o cenário de obscuridade e repressão da Ditadura Militar. Do contrário, mesmo passado por reconciliação com o passado, ainda há uma lembrança que reescreve a história deste período como positivo, o que contribui com um pensamento reacionário e autoritário, como resultado de forças políticas e respaldo aos atos antidemocráticos (Della Vechia, 2023). Prisioneiros do seu próprio tempo e silenciados pela repressão ditatorial, porém, ainda sim a comunidade acadêmica encontra na socialização e no debate um campo fértil para construir novas organizações livres, em oposição ao pensamento retrógrado da classe dominante (Habert, 2006). É dessa organização por um pensamento crítico, mesmo diante de épocas dolorosas, que surgem grandes frentes de reivindicação de direitos.

Quase findo a década de 60, em que se iniciou a implantação da Ditadura Militar, em 1968 há a eclosão dos movimentos sociais em protesto e oposição ao cenário que imperava sob a nação (Habert, 2006). Essa multidão, viva, potente e ativa, opera uma prática coletiva que fortalece uma prática de resistência (Moreira, 2014). Logo, dessa movimentação subversiva surge, enveredado na busca pela voz silenciada, o anseio por mudança e a busca pelos direitos que lhe foram negados. Com isso, a década de 70 inicia assistida por protestos, “com destaque para o movimento estudantil e para a retomada do movimento operário com as greves metalúrgicas de Osasco e Contagem” (Habert, 2006, p. 10). Era o início de uma busca pela renovação da democracia que tinha sido retirada, com a repressão das classes subalternas.

A comunicação, após a criação do Ministério das Comunicações em 1967, tem como principal marco para se estabelecer no país em setembro de 1971, com a realização, no Rio de Janeiro (RJ), do Congresso Nacional de Comunicação, convocado pela Associação Brasileira de Imprensa (Marques de Melo, 2008). Nesse tocante, mesmo diante de um cenário obscuro, a comunicação ganha campo como forma de informar, entretanto afastada de alguns direitos devido à censura. No entanto, essa tessitura de resistência não limita o senso crítico deste campo do conhecimento, do contrário, funciona como estímulo à produção de conhecimento



criativo por parte de pesquisadores da comunicação (Marques de Melo, 1991). Dito isso, conforme Marques de Melo (2012), a história da comunicação no Brasil é concedida em três fases, sendo estas a fase do empirismo difuso, a fase do empirismo concreto e a fase do empirismo abstrato, que são descritas no quadro 1.

Quadro 1 - Fases de constituição do campo da comunicação no Brasil

Fase	Período	Marco Histórico
Fase do empirismo difuso	Período Cabralino	Representa a chegada de Pedro Álvares Cabral (1500) até a expulsão dos jesuítas (1759).
	Período Pombalino	Representa o início da colonização portuguesa no Brasil, com a ascensão do Marquês de Pombal ao comando do governo português (1750).
	Período Joanino	Representa o período de proclamação do Brasil como Reino Unido a Portugal, a fim de caminhar em direção à sua independência política, abrindo nossos portos às nações amigas (1808).
Fase do empirismo concreto	Período Barbosiano	Representa a conversão dos fatos comunicacionais em objetos de estudo, com locus para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839).
	Período Lacerdiano	Representa a luta pela inclusão do saber jornalístico na educação, com iniciativa do repórter Gustavo de Lacerda, fundador da Associação Brasileira de Imprensa.
	Período Liberiano	Período em que o empresário Cásper Líbero institui a primeira Faculdade de Jornalismo do país (1943).
Fase do empirismo abstrato	Período Beltraniano	Período marcado pela constituição do jornalismo como campo das ciências da comunicação no ensino, à luz do projeto pedagógico implantado por Luiz Beltrão na Universidade Católica de Pernambuco (1961).
	Período Jobiniano	Período marcado pelo estímulo à interdisciplinaridade investigativa da área, com a realização do 1º Congresso Nacional de Comunicação, no Rio de Janeiro, liderado por Danton Jobim (1971).
	Período pós-Jobiniano	Período que se alastra até a atualidade, com a sinalização da soberania do Brasil na comunidade acadêmica da comunicação, sobretudo com a realização do I Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana, em São Paulo (2011).

Fonte: elaborado pelos autores com base em Castro e Marques de Melo (2012).

Em meio a esse emaranhado de períodos históricos para a comunicação nacional, tem-se com início histórico da criação de espaços para pesquisa científica em comunicação, a fundação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), na Universidade Católica de Pernambuco, em 13 de dezembro de 1963 (Marques de



Melo, 2013). Após isso, nos tempos difíceis da ditadura, os congressos representavam uma oportunidade de debate e reflexão, sendo campo fértil para que, em julho de 1977, durante o congresso anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), ocorresse o início do debate sobre a criação da Intercom (Hohlfeldt, 2015; Gobbi; Kunsch, 2003). Dessa forma, ocorreu o surgimento da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) em 12 de dezembro de 1977, em uma sala da Faculdade Cásper Líbero (Marques de Melo, 2010; Gobbi; Kunsch, 2003).

Ademais, em 19 de janeiro de 1978, o primeiro Estatuto que consolidava a sua atuação como organização da sociedade civil. Em março do mesmo ano, a Intercom publica um noticiário informativo em papel ofício, grampeado, no que se chamou de “Boletim Intercom”, era o início da então renomada Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (Faro, 1992). Tal Boletim foi fundamental para a consolidação da entidade, pois envolvia o agrupamento dos estudos desta área (Faro, 1992). Um de seus redatores pioneiros, José Marques de Melo, nascido no agreste de Alagoas, aponta em seus estudos que é nesta mesma época que o campo da comunicação se configura em solo brasileiro, “quando cessa a fragmentação dos espaços empresariais, profissionais e acadêmicos relacionados com a produção de bens culturais” (Marques de Melo, 2008, p. 07). Para ele, o campo da comunicação surge em um período de conexão entre o setor empresarial e acadêmico, na década de 70, século XX (Marques de Melo, 2013).

Nessa senda, desde o primeiro ciclo de debates, que contou com mais de 10 professores universitários, os temas da Intercom tinham preocupação em discussões sobre os interesses dos pesquisadores, que projetavam tanto uma perspectiva futura da área quanto o momento de crise de identidade e de repressão (Hohlfeldt, 2015). Isso se reflete no próprio surgimento desta instituição que, para Faro (1992), está ligada a duas óticas. Por um lado, horizontalmente, está ligado à sua concepção em comportar um elo entre estudiosos e profissionais da área, na organicidade política do campo, por outro lado, verticalmente, ligado à necessidade de constituir a comunicação como uma área do conhecimento (Faro, 1992). É por isso que reconhecer o seu legado é lembrar do quanto a Intercom resiste, como um organismo vivo latente na consolidação de uma área científica da comunicação.



Interconexões temáticas e memória

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) comporta uma estrutura complexa, com múltiplas interações entre diferentes atores sociais da área da comunicação (Lopes, 1999). Diante disso, esses laços sociais que se sustentam na possibilidade de expressar as diferentes temáticas no ano de realização do evento, conforme recorte temporal proposto, estão ligados a aspectos discutidos também no ano anterior e que remetem a contextos sociais, políticos e culturais. Assim, para melhor compreensão dos resultados foram criadas categorias de análise, eixos norteadores e síntese-descritivas, que são apresentadas no quadro 2.

Quadro 2 - Categorias de análise

Categoria	Eixos Norteadores
Educação, Cultura e Memória em Comunicação	Ensino, Pesquisa e Extensão
	Cultura, Memória e Democracia
	Práxis
Política, Esporte, Enfrentamentos e Mobilização Social	Manifestações e Movimentos Sociais
	Contextos desportivos midiáticos
	Populismo
Crítica Social, Subversões e Desigualdades	Críticas Sociais
	Aspectos Filosóficos, Sociológicos e Antropológicos
	Inclusão e Equidade

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

À vista do exposto, foram realizadas as etapas de escolha do corpus analítico e da elaboração de indicadores (pré-análise), codificação, classificação e categorização (exploração do material) e da interpretação do material (tratamento dos dados) (Bardin, 2011). O agrupamento contempla, a partir da análise de conteúdo de Bardin



(2011), as principais expressões que emergem nas discussões dos documentos, tanto na leitura sumária quanto na leitura integral. Além disso, foi realizado o agrupamento a partir do entendimento da convergência entre os temas e a capacidade deles expressarem dimensões comuns sobre os problemas levantados, as roupagens históricas de um determinado período e o fenômeno investigado. Ademais, para compreensão desta seleção e das temáticas, o quadro 3 abaixo sintetiza os temas emergentes da Intercom nos períodos supracitados.

Quadro 3 - Síntese dos Temas Emergentes da Intercom na Primeira e Última Década

PRIMEIRA DÉCADA			
EVENTO	ANO	SEDE DO EVENTO	TEMA
I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1978	Santos (SP)	Estratégia para o Ensino da Comunicação
II Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1979	São Paulo (SP)	Modos de Comunicação das Classes Subalternas
III Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1980	Taboão da Serra (SP)	Populismo e Comunicação
IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1981	São Paulo (SP)	Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação
V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1982	São Paulo (SP)	Impasses e Desafios da Pesquisa em Comunicação
VI Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1983	Bertioga (SP)	Novas Tecnologias de Comunicação: Implicações Políticas, Impactos Sócio-Econômico
VII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1984	São Paulo (SP)	Estado, Sociedade Civil e Meios de Comunicação no Brasil
VIII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1985	Indaiatuba (SP)	Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados
IX Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1986	São Paulo (SP)	Comunicação para o Desenvolvimento



X Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1987	Campinas (SP)	Democracia, Comunicação e Cultura
XI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	1988	Viçosa (MG)	Comunicação Rural: Discurso e Prática
ÚLTIMA DÉCADA			
EVENTO	ANO	SEDE DO EVENTO	TEMA
XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2012	Fortaleza (CE)	Esportes na Idade Mídia - diversão, informação e educação
XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2013	Manaus (AM)	Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2014	Foz do Iguaçu (PR)	Comunicação: guerra e paz
XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2015	Rio de Janeiro (RJ)	Comunicação e Cidade Espetáculo
XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2016	São Paulo (SP)	Comunicação e educação: Caminhos Integrados para um mundo em transformação
40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2017	Curitiba (PR)	Comunicação, memória e historicidades
41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2018	Joinville (SC)	Desigualdades, gêneros e comunicação
42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2019	Belém (PA)	Fluxos comunicacionais e crise da democracia
43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2020	Virtual	Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia?
44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2021	Virtual	Comunicação e resistência: práticas de liberdade para a cidadania
45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação	2022	João Pessoa (PB)	Ciências da Comunicação contra a Desinformação

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Ao entender a reconfiguração temática e, ao mesmo tempo, o sentido dado às discussões do campo científico da comunicação no Brasil, é possível entender que há um sentido de saberes, práticas e experiências que emergem dos espaços sociais e dos sujeitos historicamente constituídos. Dito isso, a partir deste mapeamento do corpus de análise, a seguir apresentamos as discussões a partir das categorias definidas, sob



a perspectiva epistemológica decolonial que compreende a comunicação como um campo atravessado por disputas de sentido, intencionalidade e poder, mediada por um sentido social e cultural.

Categoria 1 - Educação, Cultura e Memória em Comunicação

Nesta categoria, considerou-se como eixos norteadores o ensino, a pesquisa, a cultura, memória e democracia e a práxis em comunicação. Nesse contexto, os anos de evento selecionados para a categoria de “Educação, Cultura e Memória em Comunicação” foram 1978, 1982, 1985, 1987, 2016, 2019, 2020 e 2021, que são descritos no quadro 4 a seguir.

Quadro 4 - Síntese Descritiva da Categoria de Educação, Cultura e Memória em Comunicação

Ano	Tema	Síntese-Descritiva	Palavras-chave
1978	Estratégia para o Ensino da Comunicação	Crítica e desaprovação à implantação do currículo mínimo imposto na época pelo Ministério da Educação (MEC), na busca por conteúdos alternativos para suprir as reais demandas formativas da área (Marques de Melo; Fadul; Silva, 1979).	Currículo mínimo; profissionalização; preparação técnica; ideologia.
1982	Impasses e Desafios da Pesquisa em Comunicação	Debate sobre a legitimação da comunicação como área acadêmica e científica, fundamentado em questões teóricas, metodológicas, epistemológicas e financeiras (Marques de Melo, 1983; Porto, 1983).	Campo científico; tendências; financiamentos; interpretações.
1985	Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados	Discussão sobre a potencialidade dos meios midiáticos, sobretudo rádios e televisões educativas, no processo de ensino-aprendizagem e na busca de uma transformação social (Kunsch, 1986).	Contexto didático; novas tecnologias; reflexividade; ensino.
1987	Democracia, Comunicação e Cultura	Reflexão sobre a redemocratização do Brasil e o uso da comunicação, para além de uma porta-voz de denúncia, como objeto de promoção de transformação social, ativismo e transmissão de conhecimento cultural (Kunsch; Fernandes, 1989).	Democratização; ativismo; mobilização; cidadania; conhecimento.
2016	Comunicação e educação: Caminhos Integrados para um mundo em transformação	Debate sobre a integração interdisciplinar entre comunicação e educação, no reconhecimento da mídia como produtora de mediações, democratização do conhecimento e de conexão (Kunsch; Figaro, 2017).	Cidadania; democracia; interatividade; mediação.



2019	Fluxos comunicacionais e crise da democracia	Discute os fluxos comunicacionais diante da crise da democracia, além da importância e força ideológica de instituições paradigmáticas, sobretudo religiosas, e a mobilização perante à resistência social e cultural travada nos últimos anos na América Latina (Prata; Pessoa, 2020).	Crise; democracia; ideologia; religião; cultura; resistência.
2020	Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia?	Reflexão sobre os tempos cinzentos que a ciência tem passado no Brasil, diante da falta de meios para superação do negacionismo e das distorções relacionadas a sua interpretação, veracidade e confiança (Prata; Pessoa; Andrade, 2021).	Negacionismo; distorção; contradição; confiança.
2021	Comunicação e resistência: práticas de liberdade para a cidadania	Reflexão sobre a resistência dos profissionais da comunicação diante das ameaças e violências contra jornalistas, negacionismo à ciência e censura nas universidades, na esperança de construir novos tempos (Prata; Lima, 2022).	Resistência; censura; negacionismo; ameaça; esperança.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Ao analisá-los, é possível compreender a preocupação do evento em diferentes momentos de trabalhar uma crítica aos problemas enfrentados pela sociedade, tal como a censura, a violência, o negacionismo e a adequação curricular. Se percebe, nesse ínterim, a interconexão nos temas de 1978, de 1985 e de 2016, uma vez que a preocupação se pautou na formação e no ensino-aprendizagem como fontes de mobilização para a transformação social (Marques de Melo; Fadul; Silva, 1979; Kunsch, 1986; Kunsch; Figaro, 2017). Diante disso, apesar de se tratarem de momentos distintos da educação no Brasil, são tecidas críticas similares à forma com que o profissional da comunicação e as instituições visualizavam os meios midiáticos.

Por conseguinte, outro tema latente nas discussões foi o papel da ciência e da pesquisa. Os anos de 1982, 1985, 2020 e 21 se interligam a isso, ao passo que empreendem discussões e reflexões sobre a potencialidade e legitimação da comunicação como um campo científico que possibilita a transformação social (Marques de Melo, 1983; Porto, 1983; Kunsch, 1986; Prata; Pessoa; Andrade, 2021; Prata; Lima, 2022). Com isso, se percebe a tentativa genuína da Intercom em superar as distorções e o negacionismo que emergem com as novas tecnologias, de forma a contemplar os profissionais da área como resistências diante desse impasse enraizado culturalmente.

De acordo com Martín-Barbero (2013), é necessário pensar a comunicação com um olhar holístico, de modo a entender a sua perspectiva histórica e o modo com



que o problema emerge desse entremeio. Assim, há a necessidade de identificar o lugar de fala e a hegemonia sob o prisma de diferentes atores sociais, a fim de compreender as questões que são abordadas na teoria, mas também sua práxis (Marques de Melo, 1983; Porto, 1983; Prata; Lima, 2022). Ter um olhar de diferentes grupos sociais e profissionais é um dos pontos de interesse da Intercom durante estes anos analisados, uma vez que integrá-los traz maturidade às ciências da comunicação.

Segundo Lima Xavier e Jardim (2020), a evolução da tecnologia tem transformado a forma da sociedade produzir conhecimento e também encetado novos olhares às práticas pedagógicas. Analogamente, a prática da profissão amadurece o entendimento teórico, tal qual os modelos teóricos que surgem das próprias problemáticas da América Latina são necessários para a busca de alternativas à sua resolutividade prática, sobretudo com as novas tecnologias de comunicação e os novos sentidos produzidos. A práxis educacional em cursos de comunicação é discutida como contrária à objetificação da área pelo mercado financeiro, pois a preocupação reside na precarização, uberização e mercantilização do ensino midiático.

Com relação à cultura, à memória e à democracia, se percebe o seu poder na construção da comunicação na América Latina, apresentado pelos temas dos anos de 1987, 2016, 2019 e 2021. A comunicação, tida como meio de denúncia, se torna mediadora de conhecimento, formadora de opiniões e, conseqüente, a esperança na construção de novos tempos para a sociedade (Kunsch; Fernandes, 1989; Kunsch; Figaro, 2017; Prata; Lima, 2022; Prata; Pessoa, 2020). A interconexão, aqui, reside nessa possibilidade de mobilizar diferentes discussões e promover interações entre atores sociais, uma vez que a cultura e a democracia são apresentadas como vitais na construção de um cenário equânime, transformador e culturalmente cidadão.

Categoria 2 - Política, Esporte, Enfrentamentos e Mobilização Social

Nesta categoria, considerou-se como eixos norteadores manifestações e movimentos sociais, contextos desportivos midiáticos e populismo. Nesse contexto, os anos de evento selecionados para a categoria de “Política, Esporte, Enfrentamentos



e Mobilização Social” foram 1980, 1981, 1983, 1984, 1986, 1988 e 2012, que são descritos no quadro 5 a seguir.

Quadro 5 - Síntese Descritiva da Categoria de Política, Esporte, Enfrentamentos e Mobilização Social

Ano	Tema	Síntese-Descritiva	Palavras-chave
1980	Populismo e Comunicação	Debate sobre o papel da comunicação como ferramenta política de manipulação das massas pelo Governo, em sua estrutura de poder diante das classes trabalhadoras que emergem na transição do capitalismo agrário para o capitalismo industrial (Marques de Melo, 1981).	Classe trabalhadora; manipulação; massas; capitalismo; política.
1981	Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação	Discute como a comunicação é aliada na consolidação de uma ordem social hegemônica e como força motriz de entendimento das questões culturais, para além de um regime autoritário, aliada à emancipação política e social (Silva, 1982).	Ordem social; hegemonia; cultura; emancipação; política.
1983	Novas Tecnologias de Comunicação: Implicações Políticas, Impactos Sócio-Econômico	Compreende e problematiza o impacto das Novas Tecnologias da Comunicação (NTC) no processo de redemocratização do Brasil, principalmente com relação às mudanças culturais e à privacidade (Fadul, 1986).	Novas tecnologias; redemocratização; cultura; privacidade.
1984	Estado, Sociedade Civil e Meios de Comunicação no Brasil	Resgata a trajetória e o papel dos meios de comunicação no Brasil na integração do Estado e na mobilização da Sociedade Civil por meio da informação, influência e formação de opinião, desde o jornal impresso até os meios televisivos (Fadul, 1984).	Informação; influência; opinião; meios de comunicação.
1986	Comunicação para o Desenvolvimento	Discute o uso da comunicação no processo de desenvolvimento nacional, em esferas como a mobilização política da mídia, a comunicação rural na tv e no rádio, a segurança, as novas tecnologias e as modificações que isso tem trazido no ativismo social (Budge, 1986).	Mobilização; desenvolvimento; ativismo; política; mudança; mídia.
1988	Comunicação Rural: Discurso e Prática	Discute a abrangência do meio rural na comunicação, no reconhecimento deste campo para difusão e compartilhamento do conhecimento, sobretudo diante da reforma agrária e da nova Constituição Federal (Kunsch; Braga, 1993).	Reforma agrária; difusão midiática; subversão à mentalidade oligárquica.



2012	Esportes na Idade Mídia - diversão, informação e educação	Debate as relações entre comunicação, esporte e cultura, na construção e manifestação humana, diante de um sistema político e ideológico envolto de sentimentos, presenças, mobilizações e representações simbólicas (Marques de Melo; Morais, 2012).	Esporte; ideologia; política; cultura; sentimento.
------	---	---	--

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Frente a isso, percebe-se que os temas de 1981, 1983, 1984, 1986 e 1988 se entrelaçam com relação à crítica e à mobilização por meio da comunicação. A comunicação é tida como uma aliada da emancipação política e social, com forte poder de influência e formação de opinião, além de grande difusora de conhecimento (Silva, 1982; Fadul, 1984; Budge, 1986). No entanto, ela também é problematizada diante dos seus efeitos no que concerne à privacidade, à mudança cultural e à força ideológica e dogmática (Fadul, 1986; Kunsch; Braga, 1993). Ambos os temas em tela discutem a década de 80, o que ilumina a concepção sobre as importantes mobilizações tensionadas pelo campo da comunicação na busca pela redemocratização do Brasil.

Outrossim, a comunicação é resgatada com um propósito popular e centrada na sociedade marginalizada, sobretudo nos temas dos anos de 1980, 1984 e 1986. Essa comunicação surge do popular e da expressividade cultural, em comunidades ou grupos sociais específicos, que se constrói a partir dos valores e tradições da identidade local (Beltrão, 1980; Marques de Melo, 2001). Nesse contexto, a comunicação surge como uma ferramenta social que deve visar também a mobilização da sociedade civil em torno da conquista de espaços, no combate ao retrocesso e da mercantilização da área (Marques de Melo, 1981; Fadul, 1984; Budge, 1986). Essa condição de pensamento corrobora com o entendimento das ciências da comunicação na América Latina enquanto formadora de um sentido para os problemas latentes nesta condição geográfica, haja visto que as condições teóricas europeias ou norte-americanas não se aplicam a esta seara.

Por conseguinte, no que concerne às condições desportivas e fluxos comunicacionais, têm-se os anos de 2012 e 2019 como interconectados. De um ângulo, se discute as práticas desportivas e o papel do sentimento como representação simbólica que liga diferentes momentos (Marques de Melo; Morais, 2012). Sob outro ângulo, a comunicação é tida como um fluxo de resistência social e



cultural diante das instituições paradigmáticas, em especial o esporte e a religião Prata; Pessoa, 2020). É nessa senda que a ideologia ganha cenário, visto que a manifestação humana constrói sentidos e intencionalidades.

Categoria 3 - Crítica Social, Subversões e Desigualdades

Nesta categoria, considerou-se como eixos norteadores críticas sociais, aspectos filosóficos, sociológicos e antropológicos, inclusão e equidade. Nesse contexto, os anos de evento selecionados para a categoria de “Crítica Social, Subversões e Desigualdades” foram 1979, 2013, 2014, 2015, 2017, 2018 e 2022, que são descritos no quadro 6 a seguir.

Quadro 6 - Síntese Descritiva da Categoria Crítica Social, Subversões e Desigualdades

Ano	Tema	Síntese-Descritiva	Palavras-chave
1979	Modos de Comunicação das Classes Subalternas	Discute a forma com que a classe mais abastada tem desprezado os meios de comunicação das classes subalternas, enquanto reacionárias diante da ideologia dominante, de modo a contemplar reflexões sobre os trabalhadores urbanos e rurais, as comunidades religiosas e as minorias em geral nos meios midiáticos (Marques de Melo, 1980).	Classes subalternas; trabalhadores; religião; ideologia; minorias; reacionismo; mídia.
2013	Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades	Discute as novas formas de interação, afeto, emoção e promoção de subjetividade com os avanços da tecnologia, além da relevância da sensibilidade em captar as intencionalidades sociais, culturais e midiáticas (Barbosa; Moraes, 2013).	Afeto; emoção; subjetividade; intencionalidade; cultura; sociedade; mídia.
2014	Comunicação: guerra e paz	Debate o papel da comunicação em dialogar com violências reais e simbólicas, principalmente com relação às suas estratégias narrativas e intersubjetivas em tempos de conflito, diante do centenário da I Guerra Mundial (Coutinho; Pereira, 2017).	Violência; intersubjetividade; conflito; narrativa; fronteira.
2015	Comunicação e Cidade Espetáculo	Discute o contexto midiático que constrói Rio de Janeiro como sendo uma cidade do espetáculo, enquanto palco de megaeventos, de mobilização às ações judiciais, de violência urbana e de protagonista de diferentes campos comunicacionais (Coutinho; Pereira, 2017)	Mobilização; protagonismo; violência; megaeventos; espetáculo.
2017	Comunicação, memória e historicidades	Refletem sobre o caminho percorrido pela Intercom na produção de conhecimento científico sobre comunicação, em relação à memória e à história como	História; conhecimento; ciência; geração;



		cruciais na construção de uma direção futura certa, com os passos pioneiros que foram dados e o legado às futuras gerações (Coutinho; Pereira, 2018).	legado; futuro.
2018	Desigualdades, gêneros e comunicação	Aborda uma crítica aos tempos sombrios e a crise de desprezo à educação e à cultura no âmbito brasileiro, na reflexão sobre as contradições desta realidade e sobre a busca pela superação das barreiras sociais na construção da diversidade e da equidade (Prata; Pessoa, 2019).	Desprezo; crise; contradição; barreiras; diversidade; equidade.
2022	Ciências da Comunicação contra a Desinformação	Discute a era da desinformação e a infodemia, que tem promovido o adoecimento e o retrocesso no universo da informação, a fim de debater o papel primário da comunicação na credibilidade e na superação de crenças, preconceitos e tudo o que coloca em xeque a verdadeira essência da área (Gabriotti <i>et al.</i> , 2022).	Desinformação; credibilidade; retrocesso; adoecimento; preconceito; infodemia.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Isto posto, há uma interconexão entre os anos de 1979, 2014, 2015, 2018 e 2022 com relação à crítica social e discussões sobre os diferentes aspectos da vida em sociedade. Por um lado, são apresentados os diferentes aspectos da mídia com relação às minorias, ao combate à violência e o seu papel na superação de barreiras sociais (Marques de Melo, 1980; Coutinho; Pereira, 2017; Prata; Pessoa, 2019). Por outro lado, são apresentadas as estratégias comunicacionais na superação de crenças, na cobertura de diferentes perspectivas do corpo social e na construção de equidade (Coutinho; Pereira, 2017; Prata; Pessoa, 2019; Gabriotti *et al.*, 2022). Ora se expõe uma preocupação latente em posicionar a comunicação como objeto de transformação do meio em que estamos inseridos, assim como mediadora de diferentes perspectivas.

Ademais, são apresentadas as diferentes perspectivas filosóficas, sociológicas e antropológicas que afloram de temas do universo dos últimos 10 anos, sendo estes 2013, 2015, 2017 e 2022. Nessa tessitura, se debate o avanço da tecnologia e os desdobramentos da comunicação, que se constrói como um campo científico ao longo dos anos e que capta diferentes intencionalidades, tal qual promove a superação de ideologias e o adoecimento fruto da desinformação (Barbosa; Moraes, 2013; Coutinho; Pereira, 2017; Coutinho; Pereira, 2018; Gabriotti *et al.*, 2022). O uso inadequado desses meios também coloca em risco a credibilidade das informações (Gabriotti *et al.*, 2022). Tal seara destaca a influência da comunicação na formação de



uma cultura e de um comportamento em determinada sociedade, tanto na promoção de bem-estar quanto na construção de mazelas sociais.

Nesse enfoque, os anos de 1979, 2014 e 2018 se entrelaçam na consolidação de reflexões sobre o modo com que há ou não equidade entre a classe abastada e as classes subalternas, bem como do seus diálogos simbólicos em tempos de conflito (Marques de Melo, 1980; Coutinho; Pereira, 2017; Prata; Pessoa, 2019). Essas violências, simbólicas e dotadas de ideologia, atribuem desprezo à educação, à cultura e à própria comunicação, sobretudo em tempos sombrios (Marques de Melo, 1980; Coutinho; Pereira, 2017; Prata; Pessoa, 2019). Por isso, além da busca pela representação e inclusão das minorias na comunicação, a Intercom tem se preocupado em defender o poder democrático, cívico e subversivo desses grupos ante às representações do povo.

Considerações finais

Ao compreender as aproximações entre os temas da Intercom na primeira década de sua fundação (1978-1988) com os temas tratados na última década do evento (2012-2022), é possível aferir uma dualidade. Por um lado, pode-se apontar que os temas que emergem ao longo dos anos se inscrevem na crítica aos interesses da classe mais abastada, de modo a consolidar uma concepção das ciências da comunicação enquanto subversivas diante da ideologia dominante e contrária à objetificação dos profissionais da área. Por outro lado, pode-se pontuar que a Intercom, em sua genuína premissa de interdisciplinaridade, busca a integração dos campos de pesquisa e de ensino com o mercado de trabalho, com as novas tecnologias de determinada época e com diferentes grupos sociais no amadurecimento deste campo científico.

Diante disso, a constituição da comunicação como campo científico depende, sobretudo, do estabelecimento de um diálogo com outras áreas do conhecimento, mas também de uma verdadeira reflexividade e confronto com a própria teoria da comunicação (Rodrigues, 2021). Nessa direção, ao contextualizar esse importante papel da Intercom na consolidação da pesquisa em comunicação social no Brasil e, por conseguinte, na América Latina, se percebe o interesse no uso da mídia para potencializar a voz de diferentes atores, sejam ele a sociedade, a educação, a cultura



ou mesmo as práticas de resistência popular diante de tempos sombrios. Debates sociológicos, educacionais, epistemológicos e ontológicos do campo ganham novas roupagens em momentos históricos diferentes, porém perpassam uma tensão recorrente e estruturante da comunicação.

Segundo Martín-Barbero (2013), o acesso à memória histórica e à projeção do futuro se interligam ao imaginário, de modo que o reconhecimento cultural se dá por meio do popular. É no bojo desse debate que as interconexões presentes na Intercom se apresentam. Primeiramente, porque os anos da primeira década e da última década tratam de temáticas que se entrelaçam com o contexto popular e com o imaginário da época, seja por questões levantadas pelos próprios meios midiáticos ou por críticas que surgem dos subúrbios. Segundamente, porque é às margens da crítica que os temas se entrelaçam, seja pela defesa de uma comunicação popular e educativa ou seja pelo amplo debate sobre o papel do Estado na defesa dos interesses da sociedade.

À margem desta breve incursão, fica evidente que a Intercom é uma importante lente da realidade social, cultural, científica e política do país. Sob diferentes perspectivas temporais, há uma contínua busca pelo avanço na produção de conhecimento científico latinoamericano sobre comunicação, quer seja por meio de debates sobre o papel da educação (Marques de Melo; Fadul; Silva, 1979; Kunsch, 1986; Kunsch e Figaro, 2017), quer seja pela pesquisa (Marques de Melo, 1983; Porto, 1983; Prata; Pessoa; Andrade, 2021) ou quer seja pelo exercício da cidadania e da democracia (Kunsch; Fernandes, 1989; Prata; Pessoa, 2020; Prata; Lima, 2022). Temas que se entrelaçam e se conectam na busca de um sentido para as ciências da comunicação no Brasil e na América Latina.

Entretanto, não se pode negar o interesse autêntico da Intercom pela mobilização das classes sociais no desenvolvimento do país (Marques de Melo, 1981; Fadul, 1984; Budge, 1986), na emancipação político-social (Silva, 1982; Marques de Melo; Moraes, 2012) e no reconhecimento de novas perspectivas para a área (Fadul, 1986; Kunsch e Braga, 1993). E, não menos importante, a sua busca pela igualdade e defesa das classes subalternas (Marques de Melo, 1980; Prata; Pessoa, 2019; Gabrioti *et al.*, 2022), da sensibilidade e do diálogo (Barbosa; Moraes, 2013; Coutinho; Pereira, 2017) e das memórias construídas ao longo do tempo (Coutinho e Pereira, 2018).



Depreende-se, portanto, que o miríade legado da Intercom permanece e testemunha as diferentes transformações ocorridas no corpo social ao longo da história. Um evento que têm constituído o campo científico da comunicação e que continua a deixar marcas ao longo da história.

Referências

- BARBOSA, M. C. Marcas da renovação. *In*: Carlos Eduardo Lins da Silva; José Marques de Melo; Maria Cristina Gobbi; Osvando J. de Moraes. (Org.). **Ciências da Comunicação no Brasil - 50 anos - Histórias para contar**. 1ed. São Paulo: INTERCOM - FAPESP - UNESP - FAAC - ECA-USP, 2015, v. 01, p. 53-62.
- BARBOSA, M. C.; MORAIS, Osvando J. de (Org.). **Comunicação em tempo de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades. 1. ed. São Paulo: INTERCOM, 2013. v. 1. 270p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, L. M. de. O “percurso do reconhecimento” nos estudos da comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 137-152, 2023. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v16i3p137-152. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/204344>. Acesso em: 6 maio. 2023.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. **Verso e Reverso** (Unisinos. Online), v. 25, p. 62-77, 2011.
- BUDGE, Eduardo Contreras. **Comunicação e desenvolvimento**: muito além dos mitos modernizantes e dos modismos maniqueístas. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, n. 55, p. 23-34, 1986.
- CALHOUN, C. Comunicação como Ciência Social (e mais). **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 35, n. 1, 2012. DOI: 10.1590/rbcc.v35i1.1108. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1108>. Acesso em: 6 maio. 2023.
- CASTRO, D.; MELO, J. M. (Orgs.) **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil 2011/2012**. Brasília: Socicom/Ipea, 2012.
- CHECHETTO, F. B. ; MARTINO, L. M. S. . Qual conceito de ciência fundamenta as Teorias da Comunicação? Um estudo exploratório do “cânone”. **Verso e Reverso** (Unisinos. Online), v. 33, 2019.
- COUTINHO, Iluska (Org.); PEREIRA, Ariane C. (Org.). **Comunicação - guerra e paz**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2017. v. 1. 204p.



COUTINHO, Iluska (Org.); PEREIRA, Ariane C. (Org.). **Intercom 40 anos: comunicação, memórias e historicidades**. São Paulo: Intercom, 2018. v. 1. 201p.

DELLA VECHIA, R. da S. A produção científica sobre a ditadura civil-militar em periódicos online das principais universidades da região Sul do Brasil. . **Antíteses**, [S. l.], v. 15, n. 30, p. 175–201, 2023. DOI: 10.5433/1984-3356.2022v15n30p175-201. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/45187>. Acesso em: 6 maio. 2023.

FADUL, Anamaria. **Estado, Sociedade Civil e Meios de Comunicação**. Boletim do Intercom, São Paulo, v. 49/50, p. 60-69, 1984.

FADUL, A. **Novas Tecnologias de Comunicação: Impactos Sócio-Econômicos, Sociais e Culturais**. São Paulo: Cortez, 1986.

FARO, José Salvador. **A Universidade fora de si: a Intercom e a organização dos estudos de comunicação no Brasil**. São Paulo: INTERCOM/ALAIC, 1992.

GABRIOTI, Rodrigo ; JACONI, S. (Org.) ; PRATA, N. (Org.) ; ANDRE, H. (Org.) ; MATOS, S. S. (Org.). **Comunicação e ciência: reflexões sobre a desinformação**. 1. ed. São Paulo: INTERCOM, 2022. v. 1. 471p.

GINEZI, L. L.; BARBOSA, A. América Latina para além das definições coloniais. In: Fundação Memorial da América Latina. (Org.). **Cadernos da Cátedra** VOL. 1. 01ed. São Paulo: FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA, 2021, v. 01, p. 07-16.

GOBBI, Maria Cristina; KUNSCH, Waldemar Luiz. Intercom comemora 25 anos em grande estilo. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 39, p. 212-218, 2003.

GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José (Org.); MORAIS, Osvando José de (Org.); DREVES, Aleta Teresa (Org.). **Geração 35 anos Intercom: novos artífices das Ciências da Comunicação**. 1. ed. São Paulo. SP: Intercom, 2014. v. 1. 172p.

HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HOHLFELDT, A. C. Crítica e autocrítica. In: Carlos Eduardo Lins da Silva; José Marques de Melo; Maria Cristina Gobbi; Osvando J. de Moraes. (Org.). **Ciências da Comunicação no Brasil - 50 anos - Histórias para contar**. 1ed.São Paulo: INTERCOM - FAPESP - UNESP - FAAC - ECA-USP, 2015, v. 01, p. 53-62.

KUNSCH, M. M. K.; BRAGA, G. M. (Org.). **Comunicação rural: discurso e prática**. 1. ed. Viçosa, MG: Editora da Universidade Federal de Viçosa, 1993. v. 1. 173p.

KUNSCH, M. M. K. **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. 1. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1986. v. 1. 504p.

KUNSCH, M. M. K.; FERNANDES, F. A. (Org.). **Comunicação, democracia e cultura**. 1. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1989. v. 1. 140p.

KUNSCH, M. M. K.; FIGARO, R. (Org.). **Comunicação e educação: caminhos integrados para um mundo em transformação**. 1. ed. São Paulo, SP: Intercom, 2017. v. 1. 199p.

LIMA XAVIER, M. JARDIM, S. R. M. A Tecnologia da Informação e Comunicação como Interface Pedagógica no Ensino de Linguagem. **Revista Virtual Lingu@ Nostr@**, [S. l.],



v. 8, n. 1, p. 11–29, 2020. Disponível em:

<https://www.linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/166>. Acesso em: 27 maio. 2023.

LOPES, Maria I. V. **Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil** - Avaliação e Perspectivas. 1. ed. São Paulo: Universidade Santa Cecília, 1999.

MARQUES DE MELO, José. CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: SAGA BRASILEIRA (1963-2013). **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 10, n. 18, 2013. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/112>. Acesso em: 1 maio. 2023.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e modernidade**: o ensino e a pesquisa nas escolas de comunicação. São Paulo: Loyola, 1991.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação e Classes Subalternas**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1980. 230p.

MARQUES DE MELO, José; FADUL, Ana Maria; SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Cortez & Moraes, 1979. 294p.

MARQUES DE MELO, José. Intercom: 33 anos de pluralismo, soberania e liberdade. In: CASTRO, D.; MELO, J. M. (Orgs.) **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil**. Brasília: Socicom/Ipea, 2010.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Mídia e folclore**: o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá/São Bernardo do Campo: Faculdades Maringá / Cátedra Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. 2001.

MARQUES, José C. (Org.); MORAIS, Osvando J. de (Org.). **Esportes na Idade Mídia**: diversão, informação e educação. 1. ed. São Paulo: INTERCOM, 2012. v. 1. 356p.

MARQUES DE MELO, José. **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Pesquisa em Comunicação no Brasil**: Tendências e Perspectivas. 1ª. ed. São Paulo: Editora Cortez/CNPQ, 1983.

MARQUES DE MELO, José. **Populismo e Comunicação**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1981. 218p.

MARQUES DE MELO, José. Quem sabe, faz a hora. In: José Marques de Melo; Carlos Eduardo Lins da Silva; Maria Cristina Gobbi; Osvando J. de Moraes. (Org.). **Ciências da Comunicação no Brasil**. 1ed. São Paulo: Fapesp, 2015, v. 1, p. 27-32.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria e Pesquisa em Comunicação**: Panorama Latino-Americano. 1ª. ed. São Paulo: Editora Cortez/CIID, 1983.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.



MOREIRA, R. M. . Processos de massificação: fronteiras entre massa e multidão. *In*: Vidal, Rose; Marques de Melo, J; Morais, O. (Org.). **Teorias da Comunicação: Correntes de Pensamento e Metodologias de Ensino**. 1ed.São Paulo: INTERCOM, 2014, v. 1, p. 1-550.

PRATA, N. (Org.); LIMA, Fábila Pereira (Org.). **Comunicação e resistência: práticas de liberdade para a cidadania**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2022. v. 1. 212p.

PRATA, N. (Org.); PESSOA, Sônia Caldas (Org.); ANDRADE, I. H. (Org.). **Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2021. v. 1. 178p.

PRATA, Nair; PESSOA, Sônia (Org.). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2019. v. 1. 168p.

PRATA, N.; PESSOA, Sônia Caldas. **Fluxos comunicacionais e crise da democracia**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2020. v. 1. 188p.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Perspectivas Recentes da Pesquisa em Ciências da Comunicação. *In*: Luiz Signates. (Org.). **Epistemologia da comunicação: reflexões metateóricas sobre o especificamente comunicacional**. 1ed. Goiânia: Cegraf/UFG, 2021, v. 1, p. 45-68.

RÜDIGER, F. Campo minado - sobre os princípios fundacionais da epistemologia da comunicação. **Galáxia** (São Paulo. Online) , v. 38, p. 71-83, 2018.

SIGNATES, L. A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. **E-Compós**, [S. l.], v. 21, n. 2, 2018. DOI: 10.30962/ec.1387. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/1387>. Acesso em: 6 maio. 2023.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Comunicação, Hegemonia e Contra-Informação**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

SILVA, P. C.; SILVA, M. C. Em busca de um conceito de comunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 9, n. 16, 2014. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/62>. Acesso em: 7 maio. 2023.

SODRÉ, M. Comunicação: um campo em apuros teóricos. **MATRIZES**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 11-27, 2012. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v5i2p11-27. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38325>. Acesso em: 6 maio. 2023.

WOITOWICZ, Karina Janz. Comunicação, cultura e resistência na América Latina: Uma retomada das perspectivas teóricas para estudo da mídia e dos movimentos sociais na contemporaneidade. *In*: FERREIRA, G. M. e PERUZZO, C. M. K.. (Org.). **Comunicação na América Latina: da metapesquisa aos estudos mediáticos**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2018, v. 1, p. 210-229.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.